

## A ESCRITA DA HISTÓRIA DAS MULHERES NOS TEXTOS DA HISTORIADORA ANA MARIA COLLING: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Édla Kerollayne Tavares da Silva <sup>1</sup>

Philipe Silva de Lima Paulino <sup>2</sup>

Charbele Júlia Ferreira Lins <sup>3</sup>

### RESUMO

As mulheres foram, em uma perspectiva tradicional, colocadas à margem da narrativa da história, de forma a se tornarem invisíveis sob este paradigma. Considerando essas reflexões, o objetivo geral do artigo é realizar uma revisão de literatura da produção da historiadora Ana Maria Colling, doutora em história pela PUCRS, por esta se dedicar a investigar a história e historiografia das mulheres no Brasil. Suas obras reúnem diferentes aspectos a serem considerados na escrita da história das mulheres, perpassando diferentes discursos ao longo da história, como: a necessidade de se pensar sobre as representações do feminino, as relações de poder entre os gêneros, as diferenças entre os espaços públicos e privados, as diferenças entre homens e mulheres, suas desconstruções, o empoderamento feminino e a temática da educação e gênero. Para tanto, nosso suporte teórico está aportado em Michele Perrot (2006; 2008), que argumenta que a presença das mulheres é frequentemente apagada, inicialmente pela ausência de registros, porém a autora argumenta que as mulheres não apenas têm história, mas também são agentes históricas. Como principais resultados, identificamos: a) é possível compreender a importância de se abrir para discussão os discursos que cercam o feminino, pois desta forma que se faz possível a desconstrução de estereótipos dados como universais. b) o espaço escolar configura-se como essencial para essa desconstrução, devendo a história das mulheres refletir também sobre as práticas educativas direcionadas ao público feminino.

**Palavras-chave:** História das mulheres, Ana Maria Colling, Historiografia.

### INTRODUÇÃO

Durante muitos anos, as mulheres ficaram de fora da escrita da história. Na perspectiva tradicional da historiografia as mulheres estavam majoritariamente relegadas a um lugar de invisibilidade, chamando a atenção ou aparecendo apenas quando excepcionais ou escandalosas e até mesmo perigosas. Diferentes pontos levaram à inclusão das mulheres nessa narrativa, dentre eles Perrot (2007; 2008) traz o movimento dos Annales e a Nova História, que por mais que não tenham voltado seu foco para as mulheres, foi fruto de um processo de deslocamento

---

<sup>1</sup>Mestranda em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e bolsista pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco – FACEPE, [edlakerollayne@gmail.com](mailto:edlakerollayne@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestrando em Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [paulinophilipe@gmail.com](mailto:paulinophilipe@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestranda em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e bolsista pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco – FACEPE, [charbele.flins@ufpe.br](mailto:charbele.flins@ufpe.br);



da história política para a história do social. Deste modo, as mulheres passam a se aproximar do foco da investigação historiográfica a partir da história das famílias.

O movimento de renovação da Nova História Cultural de fundamental importância para a investigação da história das mulheres, pois afasta a historiografia de uma visão da cultura enquanto domínio das elites. Se as mulheres estavam ausentes dos registros oficiais até então considerados, as possibilidades de fontes a serem consideradas se expandem, passando a levar em conta diferentes referências culturais do período a ser analisado (MENDES et al., 2015).

Outros pontos que também podem ser citados como contributos para a escrita da história das mulheres é a mudança dos paradigmas científicos, que se traduzem em uma flexibilização dos conceitos teóricos. A mudança na sociedade vista a partir de um ponto de vista dialético possibilitou a inclusão de temas antes tidos como irrelevantes, como por exemplo a participação das mulheres na história. Para além da mudança de paradigmas, a feminização do ensino superior se constitui como mais um aspecto da emergência da história das mulheres, tendo em vista a proximidade do tema com a vida do novo público pesquisador (SILVA, 2008).

Reconhecendo as obras das autoras Pinsky (2012) e Del Priore (1997) como essenciais para a história das mulheres no Brasil, este estudo busca destacar as contribuições do trabalho da historiadora Ana Maria Colling para com a história das mulheres a partir de seus artigos. A autora se dedica à história das mulheres no Brasil, destacando-as como agentes da própria história, como propõe Perrot (2006).

## **METODOLOGIA**

Para atingir o objetivo proposto, foi realizada uma busca no Portal de Periódicos da CAPES, utilizando o nome da autora como descritor. Inicialmente foram disponibilizados 27 trabalhos. Na próxima etapa foi realizada a leitura dos artigos e observação de seus autores. Dentre os 27 trabalhos, 14 não eram de autoria da Ana Maria Colling, 2 eram resenhas de seus livros, 6 trabalhos se tratavam de orientações e 5 eram textos da própria autora. O grupo de artigos selecionados foi o último, porém houve na plataforma a repetição de um dos títulos, que reduziu para 4 trabalhos a serem analisados. Além dos 4 trabalhos encontrados no portal de periódicos, incluímos os dois primeiros textos que nos chamaram a atenção para o trabalho da autora: *Gênero e história: um diálogo possível?* e *Inquietações sobre educação e gênero*. É importante ressaltar que a obra da Ana Maria Colling abrange muito mais obras que as aqui selecionadas, e por este motivo não nos propomos a esgotar as discussões, mas orientar os interessados no tema a respeito do que a autora discute.



## OS TEXTOS DE ANA MARIA COLLING E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DAS MULHERES.

Possuindo como principais obras os títulos: Resistência das mulheres à ditadura militar no Brasil (1997), Tempos diferentes, discursos iguais – a construção histórica do corpo feminino (2014), a autora investiga temas correlatos à “história das mulheres, feminismos, educação e gênero, discurso e poder”.<sup>4</sup> O primeiro texto selecionado para este trabalho se chama *Gênero e história: um diálogo possível?* (2004). Inicialmente a autora aborda os primeiros passos da história das mulheres, onde, na década de 60, se inicia um movimento em busca da escrita dessa história, pois antes estava limitada às representações que os homens tinham das mulheres. A diferença sexual é tratada como um ponto importante para pensar a história das mulheres, pois é com base nessas diferenças que se estabeleceram as ferramentas que limitaram a atuação das mulheres.

Essas diferenças sexuais, como lembra a autora, possuem menos base na ciência e mais no campo da política e cultura. Para legitimar essas diferenças, que se traduzem em diferenças políticas, é preciso pensar diferentes discursos que tratam do feminino, sendo eles o discurso grego, o discurso judaico cristão, o discurso médico, o discurso psicanalítico e o discurso jurídico.

Analisando os diferentes discursos que a autora trata, é possível chegar ao ponto comum da desvalorização e inferiorização do feminino. No discurso grego está presente a fraqueza da mulher como algo determinado desde seu nascimento, com base nas características do corpo feminino. Para o discurso judaico cristão essa inferioridade feminina está posta com base no mito da criação e no castigo permanente que as mulheres receberiam. Nos discursos médicos tem-se a utilização do biológico em prol das famílias e da nação, pois à mulher que caberiam a obrigação maior com a família e o ambiente doméstico.

Esse ambiente relegado ao privado pode ser relacionado também ao discurso psicanalítico que trata a mulher como histérica, necessitando de vigilância constante. Por sua vez, no discurso jurídico, os direitos minoritários da mulher são fruto da inferioridade produzida pelas questões já debatidas. Neste âmbito o desmerecimento do feminino ocorre por diversos motivos, dentre eles a inferioridade física e até mesmo intelectual da mulher.

Em seguida, para tratar da conquista da mulher no espaço público, a autora indica alguns subsídios teóricos para pensar a mulher na história, sendo eles: a- representações do feminino;

---

<sup>4</sup> Trecho retirado do seu currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6884563498366073>.

b- desmerecimento; c- público-privado; d- poder-saber e e- gênero. Ao apresentar tais conceitos teóricos, Ana Maria Colling faz uma breve introdução ao leitor interessado na área sobre as possíveis abordagens e a relevância de cada uma para pensar o feminino. A exemplo do conceito de representação, que busca compreender como os diferentes grupos sociais são apresentados em diferentes contextos de forma a dar essas representações como naturais e não construídas.

A importância de pensar e investigar as representações sobre o feminino fica mais evidente no próximo texto: *As mulheres e a ditadura militar no Brasil* (2004, p. 1): “As representações da mulher atravessam os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos, hierarquizando a diferença transformando-a em desigualdade.” É por meio das representações que os limites são definidos para as mulheres, sendo uma forma de perceber as relações de poder entre os dois sexos. Neste artigo novamente a autora apresenta os mesmos conceitos teóricos apresentados no texto anteriormente citado, para em seguida dar ênfase à situação da mulher brasileira na ditadura militar.

A autora explora a situação de invisibilidade da mulher enquanto sujeito político no período histórico em questão, pois este campo da vida estava dividido na “situação” e “oposição” (p. 2). De forma geral esperava-se que a mulher permanecesse voltada para seus papéis sociais já consolidados, como casamento e maternidade. A presença das mulheres em grupos de militância exigia uma negação da sexualidade feminina para que estas conquistassem o direito de atuar ao lado dos homens.

Outro texto da autora que também trata dessa invisibilidade feminina na ditadura é: *Vozes silenciadas: a ditadura brasileira e as mulheres* (2018). No texto a autora reafirma essa incisividade ao abordar a história da ditadura como uma história masculina nas suas narrativas e registros. Por este motivo, para pesquisar as mulheres na ditadura se fez necessário a utilização da história oral. Pontos levantados acerca da participação feminina na resistência são a nudez e a forte humilhação do corpo feminino e o ingresso das mulheres na política, de forma que esta não ingressa nesse meio por vontade, mas por inserção de um homem. A exceção dessa regra eram as mulheres religiosas que se vinculavam ao poder da Igreja Católica. Em suma, a autora demonstra como a esquerda não proporcionava a reflexão sobre as questões de gênero, focando apenas nas relações de opressão.

A humilhação do corpo feminino no período ditatorial pode, por meio da análise conjunta dos textos da autora, como um reflexo de uma questão essencial para o feminino, pois este foi historicamente desvalorizado e inferiorizado. No texto *A construção histórica do corpo feminino* (2016), Colling traz uma genealogia sobre as práticas relativas ao corpo feminino. No

texto em questão a autora aciona o conceito de desconstrução<sup>5</sup> e de genealogia<sup>6</sup> para tratar o corpo feminino como historicamente construído a partir de uma interpretação social. O corpo feminino, a partir do discurso grego possuía o objetivo único de reprodução, desta forma o celibato feminino era criticado. Havia também a comparação da mulher com a criança em conjunto com a alegação da falta de saúde, comparada ao homem, com base no seu tamanho e na menstruação.

No discurso religioso há a questão do pecado original de Eva, marcando mais um aspecto da inferioridade feminina. Deste modo a igreja católica ajuda a compor o modelo da mulher doméstica, na figura do “anjo do lar” (p. 190), e a legitimação da hierarquia construída entre homens e mulheres. O discurso médico também é apresentado como importante no controle da mulher, pois com a revolução da ciência não houve uma mudança nas crenças sobre o corpo feminino, mas uma busca por embasamento para as crenças já existentes desde o discurso grego.

Juntamente com o discurso médico, o discurso psiquiátrico trata o corpo feminino como um corpo adoecido ou passível do adoecimento. Desta forma, a sexualidade feminina e o desejo sexual é tratado como histérico. A única forma de curar, ou prevenir, essa histeria, estava no cumprimento dos ideais que os homens tinham das mulheres; a maternidade. A partir da histeria nasce também a psicanálise, que toma como ponto de partida a diferença sexual. A mulher é tratada como incompleta, pois falta-lhe o pênis, o que causaria nelas inveja.

Os discursos que desmerecem as mulheres não se limitam ao corpo feminino, mas avançam para todos os âmbitos da sociedade. Em *Violência contra as mulheres – herança cruel do patriarcado* (2020), a autora perpassa pelos aspectos do patriarcado que legitimam a violência que perdura até os dias atuais. A inferiorização da mulher a levou a estar sob responsabilidade do homem, geralmente do pai ou do marido. A autora apresenta a menoridade feminina como um conceito de difícil aceitação para a lógica do pensamento atual, pois as mulheres casadas seriam tratadas como incapazes e, ao se tornarem viúvas ou desquitadas, elas eram tidas como capazes. Porém ao casar-se novamente a mulher retorna à situação de menoridade.

As mulheres estavam por muito tempo, ao longo da história, expostas à castigos físicos e até a anulação de seus casamentos, caso não fossem virgens. Mais uma vez o corpo aparece como ferramenta de inferiorização e controle das mulheres. É apenas em 2002 que a mulher consegue, perante a lei, a igualdade com o marido dentro do casamento. Entretanto isso não se

---

<sup>5</sup> DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Graal, 1988.

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: *Microfísica do Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

traduz na resolução dos problemas da mulher na sociedade devido à perpetuação dos comportamentos abusivos dos homens, que são tratados como naturais. Exemplos citados destes comportamentos são; *Mainsplaning*, *Manspread*, *Gaslighting* e *Bropriating*, todos eles marcando violências psicológicas socialmente aceitas.

Mas a continuidade dessas violências no âmbito social não significa que as mulheres tenham se mantido passivas. A autora apresenta os frutos da luta feminista no Brasil, a exemplo do caso de Ângela Diniz, em que seu companheiro fora inocentado por sua morte, sob o enquadramento dos “crimes de paixão” e, posteriormente às manifestações feministas, ele finalmente fora responsabilizado (p.187). Outras conquistas para as mulheres que estão presentes no texto é a Lei Maria da Penha, de 2006, e a Lei do Feminicídio, de 2015.

Por fim, o último artigo a ser abordado aqui é *Inquietações sobre educação e gênero* (2015). Neste texto Colling traz as relações de poder e saber que produzem a realidade a partir das práticas discursivas e não discursivas no âmbito social. Essas práticas consolidaram o homem no poder à medida que subordinavam as mulheres. A diferença sexual entre homens e mulheres foram usadas como embasamento para essa subordinação a partir de um ponto de vista pseudocientífico. Portanto o conceito de gênero se faz essencial para compreender como as diferenças são postas e organizadas em sociedade.

A respeito do ambiente escolar, este também é perpassado pelas demarcações de gênero que, durante anos, aceitou e reproduziu o desmerecimento feminino. Esse consentimento se dá quando a autora apresenta o magistério como uma das primeiras profissões aceitas para a mulher, de forma que estas reproduziam as ideias de subordinação dentro das escolas, e quando ela argumenta sobre o consentimento das mulheres nessa relação de subordinação, pois os homens precisariam, de certa forma, de cúmplices para se estabelecer no poder. Deste modo, a autora trata da necessidade de descolonizar a visão da mulher sobre o feminino.

Por fim, a autora expõe como a escola pode se caracterizar como um ambiente privilegiado para a mudança de mentalidades. Ana Maria Colling traz a necessidade de se problematizar as diferenças entre os gêneros e a necessidade de tratar desse tópico nos cursos de graduação e formação continuada de professores. A discussão de gênero, para a autora, automaticamente deve perpassar outros temas sociais, como a gravidez na adolescência, que aumenta a cada ano e o respeito às diferenças no tópico da sexualidade, pois a partir desse tema há a inclusão de existências que não se encaixam no padrão binário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos artigos da autora é possível perceber sua preocupação com as questões que levam às desigualdades que as mulheres ainda sofrem nos dias atuais. A autora faz um resgate histórico sobre diversos aspectos da vida das mulheres na sociedade e como esses diferentes pontos podem ser pensados para refletir sobre a história das mulheres. Nos textos há também a importância de se abrir para discussão os discursos que cercam o feminino, pois desta forma que se faz possível a desconstrução de estereótipos dados como universais.

Seus artigos se apresentam como uma fonte importante para as pesquisadoras e pesquisadores que desejem ter um primeiro acesso às noções gerais da história das mulheres e aos conceitos que podem instrumentalizar as pesquisas acadêmicas na área, como por exemplo a questão do poder e saber construído pelos homens com base em um discurso pseudocientífico sobre a inferioridade feminina, ou o conceito de desmerecimento, que se apresenta também como algo reproduzido pelas mulheres.

No último texto aqui abordado a autora discorre sobre a importância de levar estes temas e reflexões para o ambiente escolar e ressalta a sua importância como ambiente de desconstrução para esse desmerecimento socialmente construído. A necessidade expressa de se incluir o tema na formação de professores é essencial para essa desconstrução, visto que antes de se formar professores, os indivíduos são socialmente formados e carregam consigo os preconceitos adquiridos. A inclusão deste tema na formação dos profissionais da educação possibilita o conhecimento sobre o processo de construção das relações de gênero na história de modo que prepare esses profissionais a lidar com os diferentes temas e problemas sociais perpassados pelas diferenças, como o citado problema da gravidez na adolescência.

## REFERÊNCIAS

DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997, 678 p.

COLLING, A. M. A construção histórica do corpo feminino. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 28, n. 2, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/34170>. Acesso em: 3 dez. 2022.

\_\_\_\_\_. As mulheres e a ditadura militar no Brasil. *Periódicos UFPEL*. v. 10, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/11605>. Acesso em: 29 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. GÊNERO E HISTÓRIA. Um diálogo possível?. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 19, n. 71-72, p. 29-43, 2013. DOI: 10.21527/2179-1309.2004.71-72.29-43. Disponível em:



<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1131>. Acesso em: 4 dez. 2022.

\_\_\_\_\_. Inquietações sobre educação e gênero. **Revista eletrônica trilhas da história**, v. 4, n. 8, p. 33-48, 2015. Disponível em:

<https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/687>. Acesso em 29 de nov. 2022.

\_\_\_\_\_. VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES – HERANÇA CRUEL DO PATRIARCADO. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 8, n. Especial, p. 171–194, 2020. DOI: 10.14295/de.v8iEspecial.10944. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/10944>. Acesso em: 1 dez. 2022.

\_\_\_\_\_. Vozes silenciadas: a ditadura brasileira e as mulheres: Dossier “Ditadura Militar no Brasil”. **Contenciosa**, [S. l.], n. 8, 2018. DOI: 10.14409/contenciosa.v0i8.8591. Disponível em:

<https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/publicaciones/index.php/Contenciosa/article/view/8591>. Acesso em: 2 dez. 2022.

MENDES, P. C. et al. História cultural e sua influência na produção historiográfica sobre as mulheres. In: Fórum de ensino, pesquisa, extensão e gestão, 9, 2015. Anais [...] Disponível em: [http://www.fepeg2015.unimontes.br/sites/default/files/resumos/arquivo\\_pdf\\_anais/resumo\\_expandido\\_fepeg\\_-\\_corrigido.pdf](http://www.fepeg2015.unimontes.br/sites/default/files/resumos/arquivo_pdf_anais/resumo_expandido_fepeg_-_corrigido.pdf). Acesso em: 30 nov. 2022.

PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

PERROT, M. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 4, p. 9–28, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>. Acesso em: 30 nov. 2022.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, T. M. G. da. Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil. **Politeia - História e Sociedade**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3871>. Acesso em: 30 nov. 2022.